

Aspectos da evolução do pensamento estratégico no século XIX, Jomini, Clausewitz e Friedrich Engels.

Muniz Ferreira - UFBA

De acordo com Rory Miller,¹ a arte da guerra conheceu uma considerável evolução ao longo do século XIX. Se por volta do ano 1800 o aparato bélico a disposição dos exércitos europeus ainda se mantinha, no essencial, baseado nas inovações atingidas nos primórdios da idade moderna, na virada do século XX já havia sido transformado pelos avanços científicos resultantes das duas revoluções industriais. Da mesma maneira, verificaram-se, ao longo deste período, modificações significativas do ponto de vista da estratégia militar e das táticas de combate. O progresso nas táticas e nas estratégias militares engendrou um significativo desenvolvimento da reflexão sobre a guerra ainda na primeira metade do século XIX. Neste movimento destaca-se a importância das obras de três autores, considerados como os grandes teóricos militares do mundo contemporâneo na opinião de representativos setores do *stablishment* militar atual:² o arquiduque Charles da Áustria (1771-1847), o estrategista franco-suíço Antoine-Henri Jomini (1779-1869) e o oficial e teorizador prussiano Karl von Clausewitz (1780-1831).

1. O ARQUIDUQUE CHARLES D'ÁUSTRIA, MARECHAL DE CAMPO (1771-1847)

O arquiduque Charles Louis, ou Karl Ludwig, Marechal de Campo do Exército austríaco, nasceu na cidade de Florença, então sob domínio da Áustria, no ano de 1771. Terceiro filho do imperador Leopoldo II, possuía por nascença o direito de governar os países baixos austríacos (Bélgica).

A grande contribuição do arquiduque Charles ao desenvolvimento da ciência da guerra encontra-se condensada em seu trabalho *Grundsätze der Strategie erläutert durch die Darstellung des Feldzuges in Deutschland 1796* (Princípios de Estratégia ilustrados pela campanha alemã de 1796), escrito em 1813. Nesta obra o autor analisa a performance de ambos os exércitos envolvidos na batalha de Wurzburg do ponto de vista da estratégia militar. “Jourdan foi derrotado em Wurzburg”, conclui o arquiduque, “*porque perseguiu mais*

de um objetivo ao mesmo tempo, não utilizando assim a totalidade de suas forças na conquista de seu objetivo principal”. A mais importante conclusão, entretanto, a que chega o arquiduque é aquela que situa o combate de Würzburg em uma posição de destaque dentre as operações militares da virada do século XIX, tipificando-o como um dos mais importantes exemplos do período da superioridade das estratégias de movimento sobre as estratégias de posição: “(...) a batalha de Würzburg encontra-se entre as poucas travadas na última guerra do século XVIII, que foi decidida pela cavalaria.”⁸

2. JOMINI

Antoine-Henri Jomini, mais tarde, Barão de Jomini, nasceu na Suíça no ano de 1779 em uma família de banqueiros. Aos dezenove anos de idade, tomado de entusiasmo pela Revolução Francesa alistou-se como voluntário no exército que confrontou as forças da Segunda Coalizão Aristocrática no período 1798-1802. Após a assinatura da Paz de Amiens (1802) retornou aos negócios em seu país natal. Foi neste período que iniciou sua atividade como teórico da guerra através da publicação do *Traité de grande tactique* em 1803. Aceito como membro voluntário do *staff* do Marechal Ney ele serviu nas campanhas de Austerlitz e da Prússia, bem como na Espanha. Pouco depois da batalha de Austerlitz foi comissionado por Napoleão como chefe de *staff* de seu antigo mentor, o Marechal Ney. Pouco tempo mais tarde, contudo, se desentenderia com Ney e outros membros da cúpula militar francesa, o que acarretou que, mesmo tendo sido promovido ao posto de general de brigada ao final da campanha espanhola, não lhe foi confiado o comando de tropas. No processo de reorganização do exército francês que se seguiu ao fracasso da ofensiva contra a Rússia foi recolocado sob as ordens de Ney. Em desgraça com seu ex-protetor, foi encarregado da execução de tarefas subalternas, ao que tudo indica, incompatíveis com suas ambições de teórico da guerra e comandante militar. Tudo isso, associado a uma possível ausência de horizontes do Império Francês e a aproximação de seu colapso eminente levaram-no a desertar e se incorporar às armas russas no ano de 1813, onde prosseguiu por vários anos em sua atividade militar. Preceptor militar, a partir de então, de príncipes russos, atividade

para a qual redigiu seu *Sumário da Arte da Guerra (Precis de l'Art de la Guerre)* em 1838, foi conselheiro militar do Tzar Nicolau I durante a guerra da Criméia (1853-1856), em que a Rússia se bateu contra a Inglaterra e a França de Luiz Bonaparte. Mais tarde foi consultor militar do próprio Napoleão III durante sua campanha italiana dos anos 1859-1860.

3. KARL VON CLAUSEWITZ

O mais célebre teórico da guerra da época contemporânea nasceu no seio da pequena nobreza prussiana na cidade alemã de Magdemburg em 1 de Junho de 1780 . Diante da impossibilidade por parte de sua família em lhe assegurar uma educação superior civil, engajou-se no exército aos 12 anos de idade. Desde então e até o final de sua vida foi um soldado profissional. Em 1794 já havia participado de seus primeiros combates durante a campanha do Reno contra o Exército Revolucionário Francês . Veterano de guerra aos 14 anos de idade, foi nomeado oficial comissionado do exército prussiano. Admitido na Academia Militar de Berlim em 1801 para a realização de estudos avançados sobre a ciência da guerra, tornou-se amigo e discípulo do general reformista Gerhard Scharnhorst, considerado o criador da moderna organização militar germânica. Nomeado preceptor militar do herdeiro do trono da Prússia em 1810, dedicaria ao príncipe seu primeiro escrito importante, a obra *Princípios da Guerra*, de 1812. Neste último ano, renunciou às suas atribuições pedagógicas na corte prussiana e juntamente com outros oficiais germânicos, colocou seus conhecimentos militares a serviço dos exércitos russos, que na época iniciavam a reversão do curso até então seguido pelas guerras napoleônicas. Tendo participado diretamente do final da campanha russa, esteve presente nas Guerras de Libertação contra as forças imperiais francesas durante o biênio 1813-1814. Reintegrado ao serviço militar prussiano no ano seguinte, comandou o III Corpo de Exército daquele reino durante a batalha de Waterloo. Inferiorizado numericamente na proporção de dois para um pelo exército francês de Grouchy, conseguiu retê-lo em Wavre, contribuindo assim para a vitória de Wellington sobre as forças de Bonaparte.

Entre 1818 e 1830 Clausewitz dirigiu a Academia Militar de Berlim. Foi durante este período que elaborou sua obra mais importante, o livro *Da Guerra*. Vitimado pelo cólera, faleceu em Breslau em 16 de novembro de 1831 sem que houvesse concluído a redação de sua grande obra teórica, que seria publicada postumamente, sob os auspícios de sua viúva, em 1832.

Como teórico, Clausewitz desfrutou junto aos círculos militares prussianos a reputação de idealista e visionário. Como comandante militar granjeou prestígio pela sua competência. Contudo, sua abertura, considerada excessiva para as idéias políticas liberais, suas concepções militares inovadoras e inconformistas e o entusiasmo com que buscou incorporar à organização militar prussiana as experiências do exército de massas criado pela Revolução Francesa, tornavam suas idéias e suas práticas desconfortáveis para os círculos conservadores, hegemônicos no exército aristocrático da Prússia.

4. A ESPECIFICIDADE DA OBRA DE ENGELS NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO MILITAR DO SÉCULO XIX

Desde 1857 Engels colaborava assiduamente (e Marx episodicamente) como redator de escritos militares para *The New American Cylopedia* dos Estados Unidos, o *The Volunteer Journal for Lancashire and Cheshire* da Inglaterra e o *Allgemeine Militär-Zeitung* da Alemanha. No total foram redigidos e publicados nestes órgãos 107 artigos no período 1857-1861.

Charles da Áustria é mencionado cinco vezes nos escritos militares de Engels. As três primeiras menções localizam-se no interior do verbete que Engels publicou no segundo volume da *New American Cyclopaedia* sobre a batalha de Aspern. Esta peleja foi disputada, às margens do Danúbio, entre o exército imperial austríaco e as tropas francesas nos dias 21 e 22 de Maio de 1809. Na conclusão deste confronto, segundo as próprias palavras de Engels, “os primeiros derrotaram o imperador Napoleão, que foi batido ali e forçado e se retirar pelo arquiduque Charles”.⁴

No verbete dedicado a Berthier,⁵ há também uma menção ao nome do arquiduque Charles. Desta vez no entanto, o comentário de Engels é bem menos favorável. Ao relatar o desempenho do marechal francês Berthier na Batalha de Wagram, entre a França Napoleônica e a os exércitos austríacos integrantes da Quinta Coalizão aristocrática (Áustria, Grã-Bretanha, Espanha e Portugal), Engels elogiava o comandante francês, que “aos olhos de seu mestre (Napoleão, M.F.) prestou excelente serviço nesta mesma campanha e acrescentou à sua longa lista de títulos o de príncipe da Wagram.”⁶ Inversamente, criticava os exércitos aristocráticos sob a direção de Charles, concluindo que, nesta batalha, a “lentidão dos austríacos e a chegada de Napoleão salvou o exército francês”.⁷

Finalmente, registre-se uma última referência a Charles no verbete biográfico dedicado por Marx (e não Engels) à pessoa de Bernadotte.⁸ Trata-se de uma referência breve e incidental, isenta de qualquer juízo valorativo sobre o desempenho militar ou a acuidade teórica do marechal de campo austríaco.⁹ O traço característico de todas as alusões realizadas por Marx e Engels ao arquiduque Charles nestes escritos é o silêncio face a qualquer aspecto da elaboração teórica deste pensador da guerra, que, em consequência disto, acaba reduzido a um talentoso comandante militar. Fica a pergunta Engels ou Marx conheceram a obra teórica daquele príncipe austríaco?

A obra de Jomini não conheceu destino mais favorável nas mãos tanto de Marx quanto de seu companheiro. Nenhuma menção direta é feita à atividade militar ou a obra teórica do escritor militar franco-suíço. Em contrapartida, e paradoxalmente, uma obra do autor, *Vie politique e militaire de Napoleón* é mencionada duas vezes por Marx. A primeira vez no já citado verbete biográfico que Marx dedicou a Bernadotte na *American Cyclopaedia*. Marx se baseia no relato do Barão suíço, então a serviço do Tzar da Rússia, para concluir que, “Como comandante em chefe do exército de observação do Alto Reno, em 1799, ele (Bernadotte, M.F.) se provou incompetente para o cargo, ficando posteriormente registrado no julgamento feito por Napoleão em Santa Helena que ele servia melhor como lugar-

tenente do que como general comandante.”¹⁰ Ausente dos verbetes biográficos assinados por Marx, ignorado nos relatos das batalhas redigidos por Engels - apesar de haver tomado parte, como oficial - de algumas delas, esta controvertida personalidade da história do pensamento militar do século XIX não aparece na obra dos fundadores da filosofia da práxis senão como memorialista das guerras napoleônicas.

O mais importante teórico da guerra do século XIX só recebeu uma única citação na totalidade dos escritos militares de Friedrich Engels. Ela aparece no verbete “Campanha” (*Campaign*), publicado na *New American Cyclopaedia*. Em uma passagem do texto o socialista alemão recorre a Clausewitz para fundamentar definições, em grande medida alternativas a respeito das campanhas militares. O autor partia da aceitação da idéia de que, em sentido estrito, uma campanha é um conjunto de operações bélicas conectadas entre si por um plano estratégico e orientadas à consecução de um objetivo estratégico. Contudo argumentava que, se estas operações tiverem lugar em dois diferentes teatros de guerra é pouco lógico atribuir à sua totalidade a denominação de uma única campanha. Reproduz-se aqui o mesmo padrão verificado nas demais alusões de Marx e Engels aos principais teóricos da guerra da primeira metade do século XIX. Também neste caso, o pensador prussiano é invocado como memorialista ou, na melhor das hipóteses como historiador militar, mas não como estrategista ou formulador de uma teoria da guerra. Silêncio que se torna ainda mais enigmático, considerando-se as efetivas afinidades teóricas existentes entre as análises militares de Engels e as concepções do autor de *Da Guerra*. Ambos partilharam uma concepção processual e porque não dizer, dialética da história. Entenderam a guerra como um desdobramento violento dos conflitos políticos no interior das sociedades e nas relações entre os estados. Reconheceram o condicionamento do desenvolvimento da organização militar pelo caráter das estruturas sociais em que se situavam aquelas.

Diferentemente, o volume modesto dos escritos legados pelo arquiduque Charles em oposição a envergadura de sua condição de protagonista da política austríaca e comandante dos exércitos dos Habsburgo, torna de certa forma compreensível que tivesse

sido lembrado muito mais como homem de ação do que como teórico militar. Mas, isso apenas se se abstrair o fato de que um intelectual como Engels, cujos escritos exibem farta erudição no âmbito da história e da teoria militar, teria lido obrigatoriamente ao menos os *Grundsätze der Strategie erläutert durch die Darstellung des Feldzuges in Deutschland 1796*, obra que, embora jamais tenha sido traduzida do alemão, foi, ao que parece, conhecida por importantes personalidades da vida militar européia do século XIX, como Jomini, o Duque de Wellington e, seguramente, o próprio von Clausewitz.

É também sob certo aspecto curioso que o Marx, crítico acerbo do bonapartismo e inimigo declarado do tzarismo russo não tenha dirigido sua verve argumentativa e sua mordacidade polêmica contra uma personalidade tão controvertida e singular como o Barão de Jomini, expressão do formalismo e do conservadorismo em matéria de teorização militar e divulgador errante de seus alegados conhecimentos bélicos junto às cortes imperiais européias. Alguém a quem o pensador revolucionário pode ter considerado como um reles trânsfuga que serviu alternadamente aos imperadores da família Bonaparte e seus arquiinimigos os tzares de todas as Rússias. Se faltou ao *mouro* motivação para polemizar com tal indivíduo, seria de se esperar que ao menos lhe reservasse a indiferença. Mas não é isso o que se observa, Marx utilizou Jomini como fonte de informações para a redação de seus verbetes na enciclopédia norte-americana, sem realizar qualquer reparo às opiniões do autor do *Précis de L'Art de la Guerre*.

Porém nada me parece mais enigmático do que a concisão com que Engels se referiu a Clausewitz. Enigma que emerge da constatação das evidentes afinidades teóricas e analíticas percebidas na confrontação entre o pensamento do reformador militar prussiano e a obra dos demiurgos da filosofia da práxis. A concepção clausewitziana que vê a guerra como um desdobramento da política, sua percepção do caráter da organização militar como uma emanção da natureza das relações sociais predominantes numa dada sociedade, sua reivindicação da historicidade do fenômeno militar, o situam liminarmente no campo de reflexão orientada pela dialética, definida esta em termos de um enfoque analítico que

privilegia a totalidade, os condicionamentos estruturais e a processualidade histórica dos fenômenos e manifestações da realidade. É curioso portanto que os próprios elaboradores do materialismo histórico não tenham reivindicado tão ilustre antecessor. Reivindicação ainda mais justificável se se considera o caráter reformista e democratizante das proposições clausewitzianas para a reorganização do exército prussiano. Mas, sobretudo, pela conclusão amplamente legitimada em nossos dias de que a obra de Karl von Clausewitz representou a cristalização mais elevada do pensamento militar oriundo da experiência da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas. Tendo em vista que Clausewitz, não obstante os elementos revolucionários contidos em sua obra, foi assimilado pela elite militar conservadora e autoritária da Prússia como teórico da guerra e reformador militar, é de se compreender que Marx e Engels, democratas e revolucionários alemães, adversários declarados das pretensões hegemônicas da aristocracia *junker* no movimento pela unificação daquele país, tenham evitado de todas as formas perfilar com os representantes desta classe em qualquer posicionamento, até mesmo na reivindicação do legado teórico de von Clausewitz.

1 Verbete "warfare" in: BELCHEM & PRICE, *Dictionary of Nineteenth Century History*, op. cit. pp. 633-34.

2 "Cf". Bassford, Christopher, "*Jomini and Clausewitz: their interation*". Comunicação apresentada no 23º Encontro do Grupo de Trabalho sobre a Europa Revolucionária da Georgia State University, em 26 de fevereiro de 1993.

3 APUD, Dave Hollins, "The Battle of Wurzburg", sem indicação de data ou local.

4 ENGELS, Friedrich, "Aspern", in: *Collected Works*, op. cit.; vol., 18, pp. 27-33.

5 *Berthier*, Luis Alexandre, marechal da França, príncipe e duke de Neufchâtel e Valengin, príncipe de Wagram, nascido em Versalhes em 20 de Novembro de 1753, assassinado em Bamberg no dia 1º de Junho de 1815. Lutou nas guerras da França republicana e da França napoleônica. Cf. Engels, Friedrich, "Berthier", *Collected Works*, vol. 18, pp. 56-59.

6 Idem, *Ibidem*.

7 Idem, p. 58.

8 Jean Baptiste Jules Bernadotte, nascido em Pau (França) no dia 26 de janeiro de 1764, falecido no palácio real de Estocolmo em 8 de março de 1844. Foi marechal do império francês, príncipe de Ponte Corvo. Tornou-se regente do trono sueco em 1810, lutou contra Napoleão I em 1813. Sob o nome de Carlos João XIV, foi rei da Suécia e da Noruega de 1818 até sua morte em 1844. Cf. Engels, *Collected Works*, vol. 18,

9". Cf. MARX, Karl. "Bernadotte", in *Collected Works*, vol. 18, p. 149.

10 Idem, p. 150.